

## A ONTOLOGIA NEGATIVA DO NOVO REALISMO DE MARKUS GABRIEL

ALEPH CEDRIM BARBALHO<sup>1</sup>; EVANDRO BARBOSA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alephcb@gmail.com](mailto:alephcb@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ebarbosa@ufpel.edu.br](mailto:ebarbosa@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é a obra de Markus Gabriel publicada pela primeira vez em 2013, “Por que o mundo não existe”. Gabriel é filósofo alemão, nascido em 1980 e professor de epistemologia, filosofia moderna e contemporânea em Bonn desde 2009, quando aos 29 anos, foi convidado para a cátedra, sendo o professor de filosofia mais jovem da Alemanha desde Schelling, que começou a lecionar aos 23 anos, graças a Hegel. Essa obra que aqui é de central interesse se trata, reconhecidamente pelo próprio autor, de um ensaio que pretende uma filosofia popularmente acessível. Em sua proposta, tem por objetivo repensar a filosofia de um novo modo, partindo do pensamento de que o mundo não existe.

Nesta investigação se tem por objetivos, apresentar o contexto no qual o pensamento que o mundo não existe se situa, frente a outras linhas filosóficas e, também, quais os argumentos colocados por Gabriel, neste livro, em defesa da não existência do mundo.

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através do procedimento de investigação bibliográfica da obra de Gabriel, “Por que o mundo não existe” e, a partir dela, a investigação das relevantes referências de outras produções do autor que essa principal obra investigada traz à tona e, por vezes, não as aprofunda tanto quanto se reconhece possível. Um tal aprofundamento é realizado no sentido de realizar uma crítica filosófica à obra, mais detidamente investigando as suas delimitações da maneira que se mostra possível a um trabalho desta dimensão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gabriel contextualiza seu pensamento em um Novo Realismo, que designa a postura filosófica posterior ao pós-modernismo, também chamado por Gabriel de construtivismo, que por sua vez é posterior à metafísica, ou seja, às antigas realistas tentativas de desenvolver uma teoria do mundo como um todo, para além do que se apresenta ao humano. Um exemplo para entender como se dividem essas filosofias é o do Vesúvio, que existe: primeiro, em si – perspectiva metafísica; mas também, o Vesúvio existe para alguém que o observa – perspectiva construtivista; por fim, a noção de que ambas as perspectivas não são excludentes, mas devem ser conciliadas, tanto a do Vesúvio existindo em si, como para todo alguém a que aparece, é a defendida pelo Novo Realismo.

O primeiro argumento (I) do novo realismo, em defesa da não existência do mundo como ponto de partida para responder negativamente à questão ontológica, de qual o sentido da existência, é um argumento que também trazido à tona introdutoriamente por Gabriel através de um exemplo: o de um jantar com amigos. Existe um âmbito que abarque a todos os outros? É possível traçar um círculo ao

redor de tudo o que compõe tal jantar? Existem diferentes pessoas, com diferentes dinâmicas e preferências, existe o mundo dos garçons, cozinheiros, insetos, bactérias, eventos subatômicos etc. Alguns desses eventos interligam-se e outros não. Existem muitos âmbitos, pequenos mundos, mas não um mundo como um todo ao qual tudo em questão pertence.

O segundo argumento (II) apresentado por Gabriel parte da questão do que significa algo existir. Algo só existe se ocorre no mundo. Onde algo existe se não no todo, no âmbito em que ocorre tudo o que ocorre? Agora, o mundo não ocorre no mundo. Gabriel nunca o viu, sentiu ou provou e quando se reflete sobre o mundo, esse não é idêntico ao mundo no qual se reflete, mas é só pequeno pensamento sobre o mundo.

Assim, para Gabriel, os campos de sentido são as unidades ontológicas básicas, são lugares onde algo se manifesta e nestes o que diferencia objetos e seus campos de outros são as suas características. Isso suscita duas perguntas nucleares a Gabriel: primeiro, é possível existir objeto com todas as características? Segundo, todos os objetos são diferentes de todos? A resposta de Gabriel a ambas as questões é “não”. Disso ele deduz que mundo não existe. Sobre a questão um, objetos são aquilo sobre o que é possível refletir possível verdade. Pensamentos verificáveis são menos do que os objetos em si, dos quais só se reconhece algumas características, pelas quais se destacam de outros. Isso é indicado pela etimologia de “existir”, do latim “*existere*”, surgir, sobressair. Um superobjeto com todas as características não se destacaria porque conteria, em si, todos os outros objetos, que podem ser descritos por conjuntos finitos e limitados de características. Esse é um terceiro argumento (III) contra a existência do mundo, corroborando com o segundo, do que significa existir.

Existe também, em meio a esse debate, uma disciplina lógica das relações formais entre o todo e as suas partes, que é a mereologia, do grego “*to meros*”, parte. Por exemplo, um telefone sem fio é a soma mereológica da sua estação com o seu fone. Porém, o fone somado a uma mão esquerda que o segura não origina uma soma mereológica de um novo objeto. Se superobjeto existisse seria uma soma mereológica de tudo quanto há e algo muito estranho. Um objeto com todas as características é sem critério, do grego “*krinein*”, discernimento, juízo, crise e esse é um quarto argumento (IV) contra a existência do mundo, que corrobora com o (I), de que não há um conjunto que abarque tudo, pois nem tudo se relaciona.

Gabriel também indica que se estabelece a identidade de um objeto por ele se diferenciar de alguns outros, mas tal diferença nunca é absoluta, entre um objeto e todos os demais, pois uma diferença assim não seria informativa, na medida em que só diz que o objeto só é idêntico a si mesmo. Assim, uma diferença informativa não é uma diferença absoluta, mas sempre relativa, entre um objeto e alguns outros. Esse é um quinto argumento (V) contra o mundo, que seria algo absolutamente diferente de tudo o mais.

Se delineia que a equação axiomática da ontologia dos campos de sentido é que existir é igual a manifestar-se em campo de sentido. Manifestação é nome geral para ocorrência, pois algo falso também pode se manifestar como aparição, mas não ocorre. Existir é diferente de ser verdade. Campos de sentido podem ser vagos, mas campos de objetos são claramente distintos, de número determinável. O problema do mundo existir é em que campo de sentido se manifestaria. Digamos que se manifestasse em campo de sentido qualquer, entre um segundo e um terceiro campos de sentido. Se mundo se manifesta em um campo de sentido, existe e o segundo e o terceiro campos de sentido não mais só existem ao lado do campo de sentido qualquer no qual o mundo ocorre, mas também no interior do

mundo que ocorre nesse campo de sentido. Não é possível que existam mais ao lado desse campo de sentido qualquer, pois nada ocorre ao lado do mundo. Assim, não é possível que o mundo ocorra no mundo, em qualquer um dos seus campos de sentido, pois impossibilitaria a existência de qualquer outro campo de sentido para além dele. É um sexto argumento (VI) contra a existência do mundo. Um exemplo que Gabriel dá para corroborar com esse argumento é o do campo de visão. Não se vê o campo de visão, mas só objetos visíveis. Se um excelente pintor o pintasse, ainda não o veria, mas só algo nele. Sempre que se pensa ver o mundo, é só uma imagem do mundo. O mundo não pode ser compreendido porque não existe um campo de sentido a que pertença, não se apresenta em seu palco, para os humanos.

A tese à qual o mundo não existe é a proposição principal da ontologia negativa, que se contrapõe à primeira proposição principal da ontologia positiva, de que existe, necessariamente, um número infinito de campos de sentido, pois se existisse um só objeto seria necessário um campo de sentido para ele se manifestar e, por sua vez, como afirma o que é a segunda proposição principal da ontologia positiva, todo campo de sentido também é um objeto que necessita de outro campo para existir. O mundo não pode ser um campo de sentido, nem um objeto, porque não pode se manifestar. Um pensamento sobre o mundo, refletindo ao mesmo tempo sobre o mundo e sobre si, um superpensamento, poderia, para alguns salvar o mundo. O superpensamento existir seria um idealismo absoluto. Mas esse é falso. No superpensamento, que ocorre em si, ocorre novamente o superpensamento, em um encaixamento infinito, permanecendo verdade que o que tudo abrange não pode manifestar-se em si. É um sétimo argumento (VII) contra o mundo existir.

#### 4. CONCLUSÕES

Esse adiamento infinito do mundo é uma forma da ontologia fractal, que é semelhante às figuras geométricas que são um número infinito de cópias de si, como o mundo é copiado infinitas vezes em si, com muitos mundos pequenos, nos quais só se reconhecem recortes do infinito, de modo que uma visão do todo não é possível, pois ele nem sequer existe. Agora, é um problema responder como Gabriel não cai na acusação que faz contra Tales, ao dizer que “tudo são campos de sentido” e a solução que ele dá está no fato de que campos de sentido são diferentes entre si e não formam uma superfície lisa como um olho de mosca infinito, intercalado e sobreposto.

Um último exemplo que pode ser trazido à tona é o de que bruxas não existem. É possível objetar isso dizendo que existem no “Fausto” de Goethe. A solução para tal contradição é que ambas as afirmações são contextuais e não gerais. Contestar que algo existe ou não é tratar de se esse algo se manifesta em um campo de sentido ou não. Existir não tem a ver com ocorrer no universo físico e material, caso contrário, nenhuma ficção existiria. Porém, muitas vezes se engana sobre qual campo de sentido está em jogo.

É incontestável o que disse Kant, quanto a que se vê o mundo do ponto de vista humano, mas isso não quer dizer que não se reconhece o que existe como é em si, pois basta frisar que isto acontece, sim, mas do ponto de vista humano. Que o mundo não existe, que só existem infinitos campos de sentido, infinitamente diferentes, permite verbalizar o humano sem a necessidade de uma visão de mundo específica. Todas as imagens de mundo são falsas, pois partem do pressuposto de que existe um mundo do qual seria possível fazer uma imagem. Todo o contexto da ontologia negativa, bem como os argumentos de Gabriel para

sustentar a sua proposição principal, de que o mundo não existe, apontam para a conclusão de que o que se quer defender é uma justificativa para um infinito pluralismo de sentido humano.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

GABRIEL, Markus. **Fields of sense: a new realist ontology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

GABRIEL, Markus. **Moralischer Fortschritt in dunklen Zeiten: Universale Werte für das 21. Jahrhundert**. Berlim: Ullstein Buchverlage GmbH, 2020.

GABRIEL, Markus. **Transcendental ontology: essays in German Idealism**. New York: Continuum International Publishing Group, 2011.

GABRIEL, Markus. **Why the world does not exist**. Trad. Gregory Moss. Cambridge: Polity Press, 2015.

### Artigos

GABRIEL, Markus. **?Contingencia o necesidad?** Schelling y Hegel acerca del estatus modal del espacio lógico. Bogotá: Ideas y valores, n. 142, abr. 2010, p. 5-23.

GABRIEL, Markus. **God's transcendent activity: ontotheology in Metaphysics 12**. The Review of Metaphysics, n. 250, dez. 2009, p. 385-414.

GABRIEL, Markus. **Is Heidegger's "turn" a realist project?** Iasi: Meta: Research in Hermeneutics, Phenomenology, and Practical Philosophy, special issue, 2014, p. 44-73.

GABRIEL, Markus. **Neutral Realism**. Oxford: The Monist, 2015, v. 98, p. 181-196.